



# Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



**Volume XIV, n. 12, set. 2020**  
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

## **EIXO 12 - CURRÍCULO ESCOLAR, GESTÃO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.12.11>

Recebido em: **29/08/2020**

Aprovado em: **05/09/2020**

DIFICULDADES DE LEITURA E AVALIAÇÃO DE FLUÊNCIA EM SERGIPE NO ANO DE 2019; DIFFICULTIES OF READING AND EVALUATION OF FLUENCE IN SERGIPE IN 2019; DIFICULTADES DE LECTURA Y EVALUACIÓN DE FLUENCIA EN SERGIPE EN 2019.

GLEICIMARA RODRIGUES PASSOS  
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-4507-9106](https://orcid.org/0000-0003-4507-9106)

ADENILTON DOS SANTOS

JAQUELINE FREIRE DOS SANTOS

## RESUMO

O presente relato de pesquisa trata das dificuldades iniciais na alfabetização no que compete à leitura, com base em dados da Avaliação de Fluência realizada em 2019, no estado de Sergipe, com 17.782 alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, perfazendo um percentual de 79,6 das escolas públicas do estado, apresentando um estudo sobre a dicotomia na aprendizagem da leitura e da sua prática. A revisão teórica procura explorar visões similares do processo de aprendizagem dessas habilidades em: a Psicogênese da Leitura e da Escrita proposta por Ferreiro e Teberosky e os estudos da Psicologia Cognitiva por Vygotsky, além da proposição ao Letramento por Magda Soares, buscando uma complementaridade entre essas abordagens e demais citadas. O estudo foi realizado com crianças de 7 a 9 anos que, embora escreviam alfabeticamente, não liam palavras em diferentes contextos. Partindo-se de evidências pedagógicas, foi constatado que as atividades e as propostas da escola envolviam o conhecimento das letras, das unidades silábicas e da consciência fonêmica, detendo-se principalmente em atividades de escrita. Porém, havia poucas atividades que envolvia a construção do significado das palavras e pouco se evidenciava a leitura. O estudo apresenta dados de comprovação na ineficiência da Leitura e Escrita a partir de dados obtidos através da Avaliação de Fluência em Leitura que ocorreu no estado de Sergipe em Outubro de 2019.

Palavras-chave: Dificuldades de Leitura, Fluência em Leitura, Análise de dados, Programas de intervenção, Sistema de Avaliação da Educação Básica.

## RESUMEN

The present research report deals with the initial difficulties in literacy with regard to reading, based on data from the Fluency Assessment carried out in 2019, in the state of Sergipe, with 17,782 2nd year students of elementary school, making a percentage of 79,6 from public schools in the state, presenting a study on the dichotomy in learning to read and practice. The theoretical review seeks to explore similar views of the learning process of these skills in: the Psychogenesis of Reading and Writing proposed by Ferreiro and Teberosky and the studies of Cognitive Psychology by Vygotsky, in addition to the proposition of Literacy by Magda Soares, seeking a complementarity between these approaches and others cited. The study was carried out with children aged 7 to 9 years who, although they wrote alphabetically, did not read words in different contexts. Starting from pedagogical evidence, it was found that the activities and proposals of the school involved the knowledge of letters, syllabic units and phonemic awareness, focusing mainly on writing activities. However, there were few activities that involved the construction of the meaning of words and little reading was evident. The study presents supporting data on the inefficiency of Reading and Writing from data obtained through the Reading Fluency Assessment that occurred in the state of Sergipe in October 2019.

Keywords: Reading Difficulties, Reading Fluency, Data Analysis, Intervention Programs, Basic Education Assessment System.

## ABSTRACT

El presente informe de investigación aborda las dificultades iniciales en la alfabetización en lo que compete a la lectura, con base en datos de la Evaluación de Fluencia realizada en 2019, en el estado de Sergipe, con 17.782 alumnos del 2º año de la Educación Primaria, alcanzando un porcentaje de 79,6 de las escuelas públicas del estado, presentando un estudio sobre la dicotomía entre el aprendizaje de la lectura y su práctica. La revisión teórica busca explorar visiones similares del proceso de aprendizaje de esas habilidades en: la Psicogénesis de la Lectura y la Escritura propuesta por Ferreiro y Teberosky y los estudios de la Psicología Cognitiva por Vygotsky, además de la proposición al Letramento por Magda Soares, buscando una complementariedad entre esos enfoques y demás citadas. El estudio se llevó a cabo con niños de 7 a 9 años que, aunque escribían

alfabéticamente, no leían palabras en diferentes contextos. Partiendo de evidencias pedagógicas, se constató que las actividades y propuestas de la escuela implicaban el conocimiento de las letras, de las unidades silábicas y de la conciencia fonémica, deteniéndose principalmente en actividades de escritura. Sin embargo, había pocas actividades que implicaba la construcción del significado de las palabras y poco se evidenciaba la lectura. El estudio presenta datos de comprobación en la ineficiencia de la Lectura y Escritura a partir de datos obtenidos a través de la Evaluación de Fluencia en Lectura que ocurrió en el estado de Sergipe en octubre de 2019.

Palabras clave: dificultad lectora, fluidez lectora, análisis de datos, programas de intervención, sistema de evaluación de la educación básica.

## INTRODUÇÃO

As dificuldades com a leitura e a escrita são observadas e vivenciadas nos alunos tão logo de seu ingresso na Fase II do Ensino Fundamental, revelando que o problema se origina nos anos iniciais, no período de alfabetização. Trata-se de um problema recorrente no estado de Sergipe assim como em outros estados brasileiros, haja vista que é relevante o número de crianças que não conseguem aprender a ler e escrever nos anos iniciais do Ensino Fundamental. E esse problema vai se expandindo nos anos posteriores na maioria das escolas, de acordo com relatos apresentados por coordenadores e gestores de escolas públicas em Sergipe em reuniões junto à Secretaria de Educação.

Sendo a leitura uma inclinação neuropsicolinguística que tem um papel nutriente no desenvolvimento pessoal e social, a mesma intervém no crescimento da linguagem oral e a escrita, enriquece o vocabulário do indivíduo, aumentando seu nível de informação e conhecimentos gerais, aprimora senso crítico e raciocínio, além de tornar o homem capaz de construir seu próprio conhecimento.

A leitura fluente é comumente descrita como a habilidade de ler textos com velocidade (agilidade), precisão (exatidão) e prosódia (ortoépia- acentuação e entonação), de maneira fácil, suave e espontânea, sem problemas com o reconhecimento automático de palavras. Dessa forma pode-se dizer que a fluência é indispensável para se compreender a leitura de forma eficaz. Um leitor fluente pode ler em uma velocidade acelerada, reconhecer palavras automaticamente e frasear corretamente, isto é, ler empregando a entonação adequada e a marcação tônica apropriada às palavras e frases. Ou ainda, ler e compreender textos, sem necessariamente fazer “essa” leitura com velocidade, mas com exatidão e acentuação, entonação correta dos vocábulos.

Assim, é importante que os sistemas educativos façam uso de indicadores que permitam apostar na prevenção e apoiar a intervenção. Como é do domínio público, os níveis de literacia de um país integram os seus indicadores de desenvolvimento. Assim, os países desenvolvidos e/ou em vias de desenvolvimento têm efetuado (ou integrado) estudos para aferir os níveis de literacia dos seus habitantes e implementado mecanismos para combater as taxas de insucesso e de abandono escolares. Muitos estados brasileiros já adotam alguns destes mecanismos.

Sergipe não difere dos outros estados brasileiros na realização consciente e pontual do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), onde, na edição de 2019, foram extintas as nomenclaturas ANA, Aneb e Anresc e todas as avaliações externas a nível Nacional passaram a ser identificadas como SAEB. O novo SAEB inclui, pela primeira vez, a avaliação das instituições que oferecem Educação Infantil, em caráter de estudo piloto, e a avaliação dos estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental (Avaliação de Fluência em Leitura).

De acordo com os dados da Avaliação de Fluência 2019, somente 7,5% das escolas públicas de Sergipe possuíam perfil de Leitor Fluente, sendo 9,4% nas escolas estaduais e 7,1% nas escolas municipais, enquanto que 21,2% dos alunos das escolas públicas não possuíam leitura para definir perfil. Em média 40% dos alunos avaliados nas escolas públicas de Sergipe estavam no nível Pré-leitor e cerca de 30% faziam parte do nível Leitor Iniciante. Em relação ao IDEB o estado de Sergipe no âmbito da rede pública de ensino demonstrou pouco avanço, visto que em 2015 alcançou 4,1 e em 2017 foi para 4,3; o que gerou um descontentamento e preocupação em traçar planos e buscar mudar a realidade. Com esses dados em mãos o gestor educacional pode unir esforços e trabalhar para que a realidade seja melhorada significativamente, por isso entendemos a importância das Avaliações Interna e Externa.

Com essas considerações, objetivamos no presente trabalho discutir a ação pedagógica que propicie o desenvolvimento das capacidades e habilidades envolvidas especificamente no ato da leitura,

facilitando o acesso à compreensão global das palavras, contribuir de forma prática neste processo, fazendo com que o espaço pedagógico, permeado pelas contribuições deste relato de pesquisa, buscando dar conta das dificuldades iniciais apresentadas pelas crianças. Pretende-se, dessa forma, contribuir para o avanço dos conhecimentos teóricos e das práticas pedagógicas de ensino inicial da leitura e da escrita, uma vez que, no cotidiano escolar, é relativamente comum a queixa de que a criança, no final da alfabetização, escreve, mas não lê suas próprias produções, ou lê e não compreende.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo é de atuação em pesquisa, com característica qualitativa de caráter analítico, com inclusão de dados dos órgãos responsáveis pela medição de aprendizagem, tais como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). A partir destes dados pode-se analisar como se tem desenvolvido as práticas educacionais no âmbito brasileiro, por conseguinte no estado de Sergipe. Para tanto, expor à discussão estes resultados e analisar como se pode melhorar o desempenho dos alunos dos anos iniciais, a saber, do 1º ao 2º ano do ensino fundamental.

A partir de estudo criterioso das informações obtidas por meio dos resultados da Avaliação de Fluência realizada de outubro até dezembro de 2019 no estado de Sergipe, cuja fonte foi o CAED-UFJF e CENSO ESCOLAR, verificamos que os dados apanhados não eram satisfatórios no que diz respeito à qualidade da educação básica do citado Estado e em visitas de acompanhamento junto às escolas na realização da Avaliação a que fizemos referência e, com base nos autores referidos nesta produção, desenvolvemos algumas sugestões a contribuir na melhoria da qualidade na Educação Básica do Estado.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O letramento é uma vertente muito importante a ser destacada dentro do processo de aquisição do conhecimento, pois vem sendo associado à alfabetização por pesquisadores conceituados na seara educacional.

Pelas pesquisas de FERREIRO e TEBEROSKY<sup>1</sup>, sabe-se que a criança pensa sobre a escrita antes mesmo da alfabetização formal, isto é, a aquisição da representação escrita se dá por um processo de apropriação e acomodação de novas aprendizagens, levantamento de hipóteses e resolução de problemas. Ou seja, tal conquista ocorre muito antes das crianças ingressarem na primeira série do ensino fundamental.

As sociedades urbanas modernas se constituem em uma comunidade letrada, que faz uso da leitura e da escrita em práticas sociais, e as crianças que convivem nesse meio logo percebem a importância e o sentido dessas práticas. FERREIRO e TEBEROSKY<sup>1</sup> investigaram o caminho percorrido pela criança até a compreensão do sistema alfabético. Em suas pesquisas, perceberam que esse caminho ocorre em etapas muito semelhantes àquelas elaboradas pela humanidade na aquisição do sistema alfabético:

É extremamente surpreendente ver como a progressão de hipóteses sobre a escrita reproduz algumas das etapas-chaves da evolução da história da escrita na humanidade, apesar de que nossas crianças estejam expostas a um único sistema de escrita<sup>1</sup>.

Pode-se perceber, na escrita natural das crianças, o uso dos pictogramas (hipótese pré-silábica), quando procuram representar, na escrita, o objeto. Posteriormente, ocorrem os primeiros processos de "fonetização", quando iniciam a representação dos sons da linguagem oral, num primeiro

momento, com uma representação silábica (hipótese silábica), e depois de uma complexa etapa de transição (hipótese silábico-alfabética), a criança passa a utilizar o sistema alfabético (hipótese alfabética) inventado pelos gregos.

De acordo com MAGDA, 2008,

O letramento é resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. E dentro dessa condição compreende-se que não basta apenas aprender a ler e a escrever, mas, sobretudo, adquirir competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com práticas sociais de escrita. Nesse contexto, faz-se necessário Alfabetizar Letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita.

Talvez o maior erro no alfabetizar esteja no desprezar o processo de codificação e decodificação, passando direto para a compreensão, quando não se pode desprezar as fases, visto que cada uma delas tem sua importância no processo. Há uma diferenciação entre a aquisição da língua e a aquisição da leitura, portanto, ter claro que, primeiro a criança vai aprender a ler e depois vai ler para aprender.

De acordo com COLELLO (2004), a escola precisa ter o interesse nas concepções da língua, do ensino, da aprendizagem e das práticas pedagógicas, com uma crítica que não se esgote em si mesmo, mas que ao fundamentar o trabalho docente, consiga transformar o ensino e compreender as falhas didáticas e as tendências pedagógicas, para a constituição do sujeito, isso seria uma escola que efetivamente ensina a escrever.

FREIRE (1983), diz que o Professor tem que partir da realidade do aluno, pois sua primeira leitura é a do mundo em que está inserido, não chega intocável para se alfabetizar, pois vem com conhecimento prévio da sua realidade, é dever do professor levar em conta o que o aluno traz e partir da experiência do aluno, para assim se apropriar da leitura e escrita, pois envolve o aluno de maneira que suas dificuldades vão sendo superadas.

Segundo FERREIRO (1990), a ideia de que a criança começa a construir hipóteses sobre a escrita antes de entrar na escola, e que no decorrer do tempo vai desenvolver essa hipótese passando por alguns níveis de leitura e escrita, nisto vemos que vários fatores interferem na aprendizagem dos alunos, porém o mais problemático é o pedagógico, pois a dificuldade de aprendizagem somente será superada se os alunos receberem estímulos e quando os professores trabalharem com propostas pedagógicas correspondente à necessidade de cada aluno, pois cada aluno possui suas particularidades, exigirem dos alunos a mesma atuação não é justo, pois cada aluno é diferente um do outro, e que a dificuldade de aprendizado pode ocorrer devido a fatores contextuais, descobrir o problema pode auxiliar no processo educativo da criança evitando prejuízo na sua aprendizagem.

Para Vygotsky, (1989) ao analisar a relação entre pensamento e linguagem, fazendo uma análise crítica de estudos anteriores e das teorias de outros autores, mas sem desprezar nenhuma das obras, aponta a necessidade de se olhar para a criança como um ser social, que apreende e aprende ao longo da vida com as suas vivências, na relação e interação com o outro, e que constrói significados à medida que vai tendo experiências e contatos com a cultura em que se insere. A criança não deve ser vista como “um adulto em miniatura” (termo usado por ROUSSEAU e colocado por Vygotsky<sup>2</sup>, mas como ela própria, um ser social único, singular e particular, que ao longo da sua história se vai construindo e reconstruindo. Daí a necessidade de a observar, escutar e compreender na fase real em que se encontra, tentando perceber o significado do pensamento e da linguagem que lhe são próprios.

Dentro dessa reflexão, é papel da escola infantil propiciar às crianças um ambiente alfabetizador, que estimule a construção da leitura e da escrita, do pensamento letrado, da utilização da leitura e da escrita cotidianamente de uma forma lúdica, uma vez que as crianças não são aprendizes apáticas,

mas constroem hipóteses e elaboram conceituações sobre a escrita, isto é, são atores dessa construção (Vygotsky<sup>2</sup>). Também, é atribuição da escola acolher, no sentido mais amplo da palavra, e buscar meios para incluir todos os alfabetizandos, com deficiência comprovada ou não. Esse incluir deve ser de forma justa e com respeito a toda e qualquer limitação. Há situações adversas e, com isso, sempre haverá necessidade de adaptar o material didático de acordo com cada necessidade específica da criança com planejamento adequado para sua evolução.

Nesse sentido, vemos que a interação do professor com o aluno pode basear-se na autonomia pedagógica que este tem, visando um melhor aproveitamento para sua aula com leitura, diversificar a abordagem de como as crianças aprenderam algo tão complexo como ler, mas que pode ser adquirido com prazer a depender do método implantado pelos seus educadores. Nesse sentido ressalta-se:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (Ferreiro, 1999, p.23).

Segue-se necessário que os educadores tenham o cuidado dessa inclusão da leitura para as crianças, observando seu meio social e as interações que elas trazem.

Tendo em vista a diferença entre alfabetização e letramento que, por exemplo, tomo as palavras de Magda Soares (2011): “Alfabetização ?É tomar o indivíduo capaz de ler e escrever. É o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia, técnicas para exercer a arte e ciência da escrita. É o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais e da escrita, ou seja, um conjunto de práticas sociais, que usam a escrita, enquanto sistema simbólico, enquanto tecnologia, em contextos específicos da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler e escrever para atingir diferentes objetivos. Compreender o que se lê”.

Para Freire (1989), a leitura não somente se estabelece sobre a decodificação de textos, palavras e letras, mas ajusta-se no ato de compreender e interpretar o mundo, a realidade cotidiana, sentimento ou conhecimento que permite ao ser humano vivenciar, experimentar o seu universo interior ou exterior. Sobretudo, não se deve esquecer que a leitura também é uma representação da linguagem escrita, é interpretar e escrever textos numa perspectiva crítica a serviço da transformação social.

Martins (1988) mostra que o ato da leitura não se estabelece somente a escrita, mas ocorre nas situações de dialogismo ou discussão, na observação de um objeto, uma atitude e outrem; lemos nossas experiências de vida, emoções e sentimentos. A leitura está presente na vida dos sujeitos desde o primeiro contato com o mundo, tal como, compreendendo os objetos que lhe rodeiam, a voz materna, das pessoas e outros. Cada leitor possui seu modo de ler, sua arte, seu conjunto de procedimentos para o cumprimento da leitura; contudo, sabe-se que o conceito da leitura, na maioria das vezes, está adstrito a decodificação da escrita, com isso, influência do ato de ler se apresenta como privilégio de poucos, pois o analfabetismo persiste mesmo em países desenvolvidos e, em sujeitos que frequentaram a escola.

A Leitura é uma competência básica essencial tanto do ponto de vista individual como da comunidade; neste sentido deve ser alvo de práticas de Educação para Todos. Isto requer a determinação de curvas de aprendizagem para uma identificação precoce de alunos em dificuldade, a monitorização dos progressos de todos e especialmente dos alunos em dificuldade, uma abordagem centrada no prognóstico (mais do que no diagnóstico) para o desenvolvimento de intervenções pedagógicas e psicológicas cada vez mais

informadas e adequadas (GONÇALVES, 2011, p, 11).

Souza (1997) afirma que a leitura é, essencialmente, a ação de compreender e cominar significados através de uma conjuntura de princípios pessoais levando em conta as circunstâncias, o lugar e o contexto. O ato de ler é interpretar e possuir a percepções sob influências de determinados contextos. Esse processo leva o sujeito a obter uma compreensão particular da realidade.

Conforme (Rasinski, 2006a) a influência em leitura é uma característica do sistema relativo ao processo mental de percepção, memória, raciocínio e, a língua na qualidade de meio de comunicação e sua prática, isto é, ao sistema linguístico do sujeito; sendo assim, a influência em leitura permite o desenvolvimento do ato de ler com o atributo de identificar a correta escrita, além da velocidade e do domínio da emissão dos sons da fala, com o acentos e entonações, sem dispensar a compreensão do que leu.

LaBerge e Samuels (1974), com a finalidade de apresentar uma base teórica, utiliza a teoria do processamento automático da informação, para enfatizar a relevância da influência, os autores mostra que o ato de ler existe simultaneamente em dois níveis; um nível pouco profundo em que o leitor possui a capacidade em realizar leituras automaticamente e o segundo nível determinante, na qual o leitor compreende sua leitura.

Alçada (2014), afirma que o relatório NRP – Nacional Reading Panel em sua publicação (2000), apresenta três elementos principais na caracterização da influência, tal como: a precisão, o ritmo e a expressão, sendo assim, a habilidade de ler um texto rapidamente, com precisão e expressão adequada. E a partir dessa publicação diversos pesquisadores voltaram sua atenção para a influência na leitura.

Forte (2014) declara que os pesquisadores Fuchs & Hosp (2001), argumentam que a fluência na leitura oral, por desempenhar diferentes aspectos multifacetado, pode ser utilizado como uma maneira consistente de caracterizar a análise técnica da leitura. As crianças que utilizam a leitura com precisão e velocidade são capazes de fixar previamente a sua atenção para a compreensão do texto.

A avaliação da fluência da leitura oral através de procedimentos de avaliação com base no currículo permite: a) descrever a evolução das aprendizagens; b) identificar alunos em dificuldade; c) tipificar dificuldades; d) planejar estratégias educativas adequadas; e) verificar os resultados obtidos (nomeadamente para uma maior motivação dos alunos, manutenção do esforço, etc.). Avaliar a fluência permite ainda: uma mais adequada formação de professores; uma melhor comunicação com os pais e outros agentes educativos; a investigação de práticas educativas mais adequadas; o desenvolvimento de normas locais (ao nível de cada escola) bem como o desenvolvimento de avaliação da qualidade educacional (GONÇALVES, 2011, p, 11).

Segundo o Programa Prova Paraná Avaliação Diagnóstica da secretaria do Paraná, (2019), avaliação de **fluência em leitura possui como** o objetivo de **verificar** os resultados que possibilitarão o planejamento de **decisões estratégicos para adequar o processo de ensino e aprendizagem**, desde as atividades e práticas em sala de aula até as estratégicas por parte dos gestores educacionais e das Secretarias de Educação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO



Os índices oficiais sobre o desempenho em leitura dos estudantes brasileiros demonstram que essa habilidade ainda está muito aquém do ideal. E o Estado de Sergipe não difere dessa situação. A título de exemplo, pode-se mencionar o desempenho da leitura dos estudantes na Prova Brasil de 2017, avaliação realizada em âmbito nacional, que avalia a capacidade de leitura e de resolução de problemas de estudantes de 5º e 9º anos. Os resultados dessas avaliações revelam que a média dos estudantes brasileiros em fase de conclusão do Ensino Fundamental Menor (5º ano) foi de 209,16 e a dos estudantes sergipanos foi de 185,89. Isso significa que, numa escala de proficiência que considera os níveis 1 a 9 (sendo que o nível 1 envolve habilidades mais simples, e o nível 9 envolve habilidades mais sofisticadas), esses estudantes brasileiros enquadram-se no nível 4, enquanto que os sergipanos estão no nível 3. (QEdU, 2017).

Vejamos a seguir, uma tabela comparando a Proficiência dos alunos no 5º ano em Sergipe, numa análise feita pela Plataforma QEdU, onde o nível Avançado mostra alunos que estão além das expectativas, o nível Proficiente informa os alunos que apresentaram aprendizado esperado, o nível Básico referencia alunos que apresentaram pouco aprendizado e o nível Insuficiente, refere-se a alunos que demonstraram quase nenhum aprendizado:

Nível	2015		2017	
	Português	Matemática	Português	Matemática
Avançado	6%	3%	7%	3%
Proficiente	24%	17%	25%	18%
Básico	45%	48%	42%	44%
Insuficiente	25%	32%	26%	35%

Fonte: QEdU.org.br, 2019

Nota: Essa classificação qualitativa foi definida por Chico Soares

com base na escala do SAEB. Essa classificação não é oficial.

É bem verdade que Sergipe vem avançando para cada competência visto que saltou de 17% em 2013, para 30% em 2015 e 32% em 2017 na disciplina de Português e 15% em 2013 para 20% em 2015 e 21% em 2017 na disciplina Matemática; mas apesar de todo esforço, o resultado está aquém do esperado para a meta e média nacional. O IDEB saltou de 3,8 em 2013 para 4,1 em 2015 e 4,3 em 2017 contudo, estamos abaixo da média.

Esses resultados evidenciam que muito ainda se tem a pesquisar, a refletir e a debater sobre o ensino nas escolas de modo que as práticas pedagógicas desenvolvidas auxiliem os estudantes a aprimorarem sua competência leitora e de compreensão para, conseqüentemente, evoluírem nos índices apresentados anteriormente. Vemos que a leitura com compreensão ainda é um desafio a ser bem discutido, estudado e, mais ainda precisa ser um alvo, um objetivo maior. Em se tratando das competências matemáticas, o desafio é ainda maior como os dados comprovam.

De acordo com estudos realizados por pesquisadores que integram a plataforma do CAED-UFJF, as avaliações em larga escala, assim chamadas de Avaliações Externas (SAEB), buscam afirmar a qualidade da Educação, fortalecendo o direito a uma educação de qualidade a todos os alunos. Os resultados dos testes aplicados apontam para a realidade de ensino, oferecendo um panorama do desempenho educacional. Nelas, os Padrões de Desempenho são agrupados a partir da proficiência obtida nas avaliações em larga escala por meio da Teoria de Resposta ao Item (TRI). Esses padrões podem ser divididos em três ou quatro níveis, de acordo com as diretrizes pedagógicas adotadas pelos municípios e estados. O agrupamento visa facilitar a interpretação pedagógica das habilidades

desenvolvidas pelos estudantes, pois apresenta a descrição das habilidades peculiares de cada um de seus intervalos, em um continuum, do nível mais baixo ao mais alto.

A seguir, mostraremos dados referentes à Avaliação de Fluência em Leitura realizada em outubro de 2019 no estado de Sergipe com 79,6% dos alunos do 2º ano do Ensino Fundamental matriculados na Rede Pública do Estado efetuada através do CAED-UFJF na qual, o item Sem Leitura, para Definir o Perfil, revelaram alunos que desenvolveram competências e habilidades muito aquém do que seria esperado para o período de escolarização em que se encontravam, o Nível Pré-Leitor traz o quantitativo de alunos que demonstraram já terem começado um processo de sistematização e domínio das habilidades consideradas básicas e essenciais ao período de escolarização em que se encontravam, o item Leitor Iniciante enquadra alunos que mostraram ter ampliado o leque de habilidades, tanto no que diz respeito à quantidade, quanto no que se refere à complexidade dessas habilidades, e, por fim, o aluno é considerado Leitor Fluente quando revelaram ser capazes de realizar leituras que exigiam habilidades sofisticadas e compreenderam o que leu.

#### Perfil do Leitor (%)

REDES	Sem Leitura para Definir Perfil	Nível Pré-Leitor	Nível	Nível
			Leitor Iniciante	Leitor Fluente
Estadual	16,6	37,4	32,6	9,4
Municipal	23,3	37,3	28,1	7,1
Públicas	21,2	37,3	29,0	7,5

Fonte: CAED-UFJF, 2019.

A aplicação do teste foi realizada por meio de um aplicativo, baixado no smartphone. Para a aplicação do teste não foi preciso estar conectado à internet. A conexão foi somente necessária para baixar o aplicativo e para sincronizar os áudios dos estudantes. Para garantir que o áudio gravado refletisse exatamente o nível de fluência de leitura do aluno, a partir do momento em que o teste de fluência foi ativado no aplicativo do celular, não houve a possibilidade de refazer a avaliação, mas podia fazer um teste antes com o aluno avaliado, como demonstração, para que o aluno conhecesse o processo e não ficava gravado. O material colhido na gravação ficou registrado no sistema informatizado do CAEd e foi analisado por uma equipe especializada. Os resultados são divulgados para as redes, escolas, turmas e para cada estudante, individualmente. (CAED-UFJF)

Continuamente segue o quantitativo de alunos que apresentaram dificuldades de leitura na Avaliação de Fluência. A aplicação da Avaliação compreendeu três (3) momentos, onde o primeiro momento houve um bloco de palavras simples e usuais, no segundo momento foram apresentadas pseudopalavras que eram palavras inventadas, mas seguindo regras ortográficas, morfológicas, sonoridade; o terceiro e último momento foi apresentado um texto para leitura de acordo com a série/idade que estavam e seguia-se de algumas perguntas sobre compreensão do texto lido.

#### Dificuldades de Leitura (%)

REDES	Não Conseguem Ler	Não Conseguem Ler	Não Conseguem Ler
	Palavras	Pseudopalavras	Texto
Estadual	14,4	15,3	24,6
Municipal	19,4	20,6	30,9
Públicas	18,4	19,6	29,6

Fonte: CAED-UFJF, 2019.

A seguir mostraremos municípios que apresentaram os melhores resultados como Leitor Fluente:

Leitor Fluente - Melhores Resultados %

Itabaianinha	23,9
Itabi	18,4
Moita Bonita	18,2

Fonte: CAED-UFJF, 2019.

De acordo com o Ministério da Educação, a crescente pressão social pela melhoria da qualidade da educação tem estimulado estados e municípios a buscarem mecanismos para aprofundar o conhecimento de suas redes de ensino e avaliar suas políticas educacionais. Tal tendência intensificou-se a partir da década de 1990, quando o Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (MEC/Inep) implantou o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o que ampliou a autenticidade dos dados sobre as escolas e salas de aula. Entretanto, o SAEB não é suficiente para um diagnóstico detalhado. Para conhecerem sua realidade a fundo, estados e municípios necessitam de mecanismos de avaliação mais precisos e minuciosos, que forneçam informações sobre um universo maior de alunos e com uma frequência maior do que o SAEB. Nesse sentido, a maioria dos estados – e inúmeros municípios – mantém seus próprios sistemas. Em 2011, 16 estados realizaram avaliação de desempenho de seus alunos. As informações geradas são um valioso instrumento para subsidiar e planejar as políticas educacionais, aprofundando o retrato produzido pelo SAEB.

Para o MEC (2014), o sucesso de uma Política Educacional depende de um diagnóstico seguro, da avaliação das medidas adotadas e do acompanhamento dos avanços em relação aos objetivos. Em educação, espera-se que as políticas atendam à demanda por vagas e assegurem as condições para que todos concluam a formação com sucesso, no tempo previsto, na idade correta e com elevado nível de aprendizado e desenvolvimento pessoal. O impacto dessas políticas deve ser assegurado pela realização de avaliações sistêmicas, como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Os bons resultados não surgem imediatamente e as decisões de cada escola, município ou estado condicionam o futuro. No pior cenário, as novas gerações aprendem menos que as antecedentes, comprometendo o porvir: o fracasso nos anos iniciais tende a se propagar nos subsequentes.

Entendemos o Brasil com inúmeras desigualdades socioeconômicas que provocam as diferenças no desempenho às avaliações de larga escala, mas estados e municípios que já baseiam seus diagnósticos e realizam políticas de incentivos e avaliações para nortear o processo de ensino têm experimentado a melhoria dos resultados.

Examinando diversos fatores, verificamos, diante da nossa experiência, algumas controvérsias que podem nos revelar problemas: nem sempre o pior desempenho dos alunos, aferido por avaliação externa, significa pior taxa de aprovação na escola e vice-versa. Às vezes o aluno obteve boa pontuação em avaliação externa e internamente, ou seja, na escola, é retido. Essa discrepância nos sugere que a escola precisa rever seus métodos avaliativos e aponta-nos para a necessidade de se questionar a avaliação realizada pelos professores que, ora se mostra mais generoso do que deveria e ora mais rigorosa, tomando-se como critério de comparação o desempenho dos alunos.

Chegamos então ao consenso de que não somente as Secretarias de Educação, mas toda comunidade escolar, pais, responsáveis pelos alunos, família, todos que compõem a Escola, desde a equipe

diretiva até pessoas de apoio e sociedade geral, sejam envolvidos no processo educativo local, cada um na função que lhe cabe. Dando as mãos em prol de um bem comum, com definição de metas e de pessoas responsáveis para o cumprimento delas, aqui mais específico para as Secretarias, as Regionais e as Escolas. Uma dinâmica de medidas deve ser associada a uma cadeia de responsabilização, que prescinde do envolvimento de todos para desempenho integral dos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste relato de pesquisa, parece-nos importante retomar o problema inicial: por que algumas crianças são hábeis em escrever alfabeticamente, mas ainda não são capazes de ler? Antes de tudo, parece-nos claro que nos estágios iniciais a aprendizagem da leitura e da escrita são processos próprios que se complementam, mas não são simultâneos, sendo que algumas crianças podem apresentar ritmos conceituados na construção dessas habilidades.

Um possível esclarecimento para este grupo de crianças serem capazes de escrever e não ler suas produções e outros textos, é que as mesmas utilizam habilmente a via fonológica, ou seja, buscam transformar sons em letras (princípio da escrita) e letras em sons (princípio da leitura), ou seja, a criança está iniciando aí o processo de leitura. Não obstante, este processo inicial parece suficiente para a escrita, uma vez que possibilita a comunicação. Já na leitura, a comunicação não acontece, pois, a atenção da criança está muito dirigida à decodificação letra-som, comprometendo o acesso ao significado e, conseqüentemente, o objetivo inicial da leitura (compreensão) não é alcançado.

A colaboração a partir deste relato de pesquisa caracteriza-se também pelo positivismo, pois sua realização se sustenta na aplicação desses conhecimentos no contexto de sala de aula, unindo teoria e prática. A diferença que algumas crianças apresentam na leitura e na escrita pode indicar simples atrasos na aprendizagem, ou se constituir nos primeiros sinais de um transtorno, justificando, pois, a ação pedagógica precoce e o olhar atento do professor a esses aspectos.

Embora um assunto já analisado, ainda há muito a pesquisar sobre as metodologias para ensino de leitura no início da alfabetização, buscando referências para a ação pedagógica de forma a contribuir na aprendizagem dos alunos em processo do aprimoramento da leitura com compreensão e escrita aonde as avaliações externas vêm contribuir nesta ação através dos diagnósticos e estratégias traçadas a partir deles, bem como a comprovação ou não de dados. Muitos fazem críticas negativas à avaliação nessa fase da vida, porque são pequenos e não tem maturidade para tal desafio, contudo, como explicar o sucesso já comprovado em outros estados brasileiros que já adotam essa prática? Com a presente pesquisa e relato pretende-se contribuir com os estudos investigativos nesta área, visando a melhoria da prática em sala de aula, desde o princípio da alfabetização, principalmente no que concerne à inclusão de alunos deficientes que ainda sofrem preconceitos de diversas formas, ou são deixados de lado, como que num cantinho, sem estímulos, os quais aproveitamos para a partir de já levantar debate e discussões acerca dos autistas em Sergipe e propomo-nos investigar quantos dos alunos que fizeram a Avaliação de Fluência em Sergipe eram autistas asperger e obtiveram positivos resultados? Como foi o desempenho dos alunos autistas asperger na citada avaliação? Propomos então esse desafio como continuidade desta pesquisa.

Reforça-se que não houve, no presente estudo, o propósito de realizar comparação entre o sistema público estadual e municipal de ensino. As comparações foram conduzidas entre as duas redes pesquisadas com o objetivo de compreender melhor os contextos estudados e aumentar a validade das análises realizadas, inclusive pelo resultado inesperado em relação às séries posteriores.

## REFERÊNCIAS

- FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1990. 284p
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FREITAS, Emanoele. **Transtornos do Neurodesenvolvimento** - Conhecimento, planejamento e inclusão : 2019.
- COLELLO, Silvia M. Gasparin (Orgs.). **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Summus Editorial, 2010.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1983. Ensino da língua escrita. *Videtur*, Po
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. CORTEZ EDITORA/ AUTOPUBLICADO, São Paulo, 2011.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. Brasiliense, São Paulo, 1988.
- LABERGE, D., SAMUELS, S. J. **Toward a theory of automatic information processing in reading**. Cogni
- SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura do professor, leitura do aluno**: processos de formação continu Prudente, 1997.
- RASINSKI, T. V. A brief history of reading fluency. Em S. J. Samuels & A. E. Farstrup (Eds). **What research instruction**. (pp. 4-23). Newark: International Reading Association. 2006a.
- LaBerge, D., & Samuels, S. J. **Toward a theory of automatic information processing in reading**. *Cognitive*
- ALÇADA, Isabel. *Plano Nacional em Leitura: Fundamentos e Resultados*. Editora Caminho, Portugal, 2016.
- FORTE, Lilian Kotujansky. **Velocidade de Leitura**. Publicado em: 2014  
<http://www.fonologica.com.br/blog/tag/leitura-fluente/>.> Acessado em: 01 de julho de 2020.
- GONÇALVES, Dulce. **Avaliação da fluência da leitura oral e dificuldades na aprendizagem**: Aplicação Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal, 2011.
- PROVAPARANÁ. **Avaliação de Fluência. Paraná, 2019**.  
<http://www.provaparana.pr.gov.br/Pagina/Avaliacao-de-Fluencia>>. Acessado em: 01 de julho de 2020.
- Plataforma QEdU. <https://www.qedu.org.br/estado/126-sergipe/ideb> (acessado pela última vez em 10.03.2020)
- CAEd -UFJF  
<http://institucional.caed.ufjf.br/2019/07/05/aplicativo-de-teste-de-fluencia-do-caed-ja-avaliou-mais-de-50-mil->  
(acessado pela última vez em 10.03.2020).
- [www.portalavaliacao.caedufjf.net/2012/05/20/como-melhorar-os-resultados-educacionais/](http://www.portalavaliacao.caedufjf.net/2012/05/20/como-melhorar-os-resultados-educacionais/) (acessado pela última vez em 10.03.2020)
- <https://www.gov.br/mec/pt-br/saeb> ( último acesso em 13.03.2020).

\* Graduada pelo Curso de Pedagogia – Licenciatura Plena com Habilitação em Administração Escolar e Especialista em Gestão Escolar da Faculdade Pio Décimo – SE, gleici.mara1975@gmail.com ou gleici.flordolirio@gmail.com

\*\* Graduado em Letras Vernáculas pela Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU) e Pós Graduado em Alfabetização e Letramento pelo Instituto Pedagógico Brasileiro (IPB), adeniltondossantos@outlook.com

\*\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe, jaquellynesantos@hotmail.com